

REVOLUÇÃO CARAÍBA: A UTOPIA OSWALDIANA

Carlos Eduardo Ornelas BERRIEL*

Em outubro de 1944, em conferência que também celebrava a descoberta da América(1), Oswald de Andrade indagava: "Mas o que procurava Colombo sob as estrelas novas do hemisfério ocidental, onde, no dizer do poeta, 'a razão humana se pertuba e a agulha inventada pelos homens não sabe mais onde é o Norte?'". Sua própria resposta indica a utopia: "Nada ele procurava além da liberdade. Era a inocência dum terra 'no sétimo dia da criação', onde se escoavam ainda as águas do Dilúvio e onde, longe das aflições do pecado, residia a liberdade."

Fica evidente que Oswald de Andrade não se negava a tratar de temas históricos a partir de uma visão utópica, mesmo porque, afirmava, "No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, mas também um protesto."(2)

Dizer que o pensamento político de Oswald de Andrade está subordinado à Utopia não é dizer muito. Interessa em especial aqui demonstrar a modalidade desta subordinação e, mais ainda, dizer: para ele, a própria política está subordinada à sua visão estética. E geralmente é desta forma que a política se torna utópica: pela subordinação de um desejo, de um programa, de uma busca de uma forma ideal de sociabilidade à uma configuração mental e prévia a um conceito de harmonia, de proporção justa, de equanimidade e equilíbrio que sempre, em primeira ou última instância, emana da estética.

Assim, trata-se sempre de uma *Weltanschauung*.

Quem acompanhasse a trajetória política de

*Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Oswald de Andrade ficaria perplexo: das posições mais conhecidas da mentalidade oligárquica sofisticada-se em dândi moderno, ingressa no Partido Comunista - aí ficando de 1931 a 1945 -, onde aspira à condição de "casaca de ferro do proletariado", e de onde sai para a fase final de sua vida, sem rumo definido e em várias circunstâncias usando do referencial retórico da Guerra Fria.

Uma apreciação ansiosa desta sequência de posições poderia encaminhar Oswald de Andrade à vala comum daqueles que buscam na viragem dos ventos da política a melhor angulação para as suas próprias velas. Mas não creio residir aí a possibilidade de compreensão deste escritor. É basicamente por dois motivos, que passo a expor.

Em primeiro lugar, a trajetória de Oswald de Andrade indica, para além de uma inconstância pessoal, a própria sequência errática da vida política brasileira, carente de projeto próprio, submissa às marés enchentes e vazantes causadas por luas assentadas em latitudes que não as tropicais. Assim, Oswald de Andrade, antes de tudo, revela-se como exemplo e testemunha da própria vida brasileira deste século. Sua trajetória é exemplaridade.

Em segundo lugar, há uma notável coerência nas idéias de Oswald de Andrade, que deve ser buscada *não na política, mas na Estética*. Suas idéias sobre a vida cultural brasileira - que organizou sob o nome de Antropofagia - é que dão os pressupostos de sua atividade política. Pode-se dizer então que a Antropofagia tem para ele foros de uma autêntica *Weltanschauung*, isto é, uma visão do mundo harmônica em seu interior, congruente e que subordina à sua lógica interna e imanente a percepção de todos os fenômenos do mundo, que ficam assim ordenados em um sistema orgânico.

Para compreender o processo de elaboração por Oswald de Andrade, é preciso em primeiro lugar dar a devida atenção às leituras por ele realizadas da obra de Oswald Spengler, *A Decadência do Ocidente*,

assim como *O Homem e a Técnica*, representaram momentos decisivos na elaboração oswaldiana dos temas da identidade cultural do país. Assim, em confluência com Spengler, Oswald de Andrade parte sempre de uma dicotomia entre cultura e Civilização. Nas suas próprias palavras: "A cultura podem-se ligar dois conceitos - o de sentimento e o de caráter. A civilização dois outros - o de razão e o de técnica. Cultura é o que somos. Civilização é o que usamos. Assim sendo, Cultura vem a ser a alma de um povo, de uma etnia, de uma área histórica. Civilização, ao contrário, é espírito, é política, é técnica. Aquela é *Pathos*, esta é *Logos*. Moisés foi o criador de uma Cultura milenária. Descartes um iniciador de Civilização.

Cultura significa o patrimônio material, moral e intelectual que caracteriza uma etnia, um povo numa determinada época. É o que faz desse grupo histórico um organismo original e afirmativo, portanto com ele cresce, evolui e morre. Civilização se mede pelas aquisições que marcam o progresso humano. É o instrumental acumulado e transmitido. Seu destino está preso ao do próprio progresso humano. Cultura é língua, folclore e comida, vestuário e religião, enfim o que dá originalidade a um grupo étnico e à sua área geográfica. Civilização é matemática, Water-closet, libertação de preconceito, rádio, esperanto, divórcio, leis sociais. A Índia tem Cultura e não tem Civilização. Nos Estados Unidos sobra Civilização e se desmancham as Culturas.

No Brasil andam aos pontapés Civilização e Cultura. Da Civilização nos refestelamos no pior. E da Cultura que há quatro séculos procura dar-nos um caráter de povo lírico, cordial e estóico, destruímos implacavelmente as sobras, liquidando o índio, sofisticando o negro e monogamizando o portugueses.

Ao passar ao contraste que separa Cultura de Civilização que "(...) Spengler acentuou de maneira um tanto diversa, desejo apontar que se

nós brasileiros continuarmos indiferentes e amáveis ante os costumes tanto políticos como domésticos que nos distinguem, veremos confirmar-se o calamitoso diagnóstico de que perdemos a nossa Cultura sem chegar a ter uma civilização."(3)

Tendo em vista este primeiro ponto de partida para a compreensão da visão histórica de Oswald de Andrade - a dicotomia entre Cultura e Civilização -, podemos perceber que o nódulo central da construção de sua utopia á a reorganização conceitual do primeiro contacto da cultura viva dos ameríndios com a civilização européia. Em devaneio, Oswald de Andrade quer alterar a norma da subordinação. O índio americano - construído idealmente a partir de pouca etnografia e muito Iluminismo - vive neste plano um comunismo sentimental e utópico, capacitado a operar uma crítica sintética do europeu spengleriano da conquista. Não se trata, por outro lado, do "bom selvagem" rousseauniano, mas do mau selvagem de Montesquieu - capaz de devoração.

De qualquer modo, temos já aqui os elementos que organizam a visão das coisas para Oswald de Andrade: quando, na qualidade de militante comunista de país do terceiro mundo, pensar a relação entre o Brasil e as potências imperialistas, pensará a partir do quadro tensional entre a cultura brasileira e a civilização européia.

Oswald de Andrade não hesitou em criar seu próprio esquema de interpretação da história mundial. No seu ensaio de 1950, *A Crise da Filosofia Messiânica*, afirma que a história humana se divide em Patriarcado e Matriarcado. Ao Patriarcado corresponde a filosofia comprometida com Deus, e suas formas essenciais compreendem o Estado, a propriedade privada e a família indissolúvel. Já o Matriarcado - que deve ser entendida como Cultura Antropofágica - se anuncia com suas formas de expressão e realidade social, que são a propriedade comum do solo, o Estado sem

classes ou mesmo ausência de Estado, e o filho de direito materno.

Fácil fica perceber a inversão do sentido histórico exercida por Oswald. Pela elaboração deste esquema de inspiração spengleriana, fez a forma de vida dos índios da América, batizada de Matriarcado, ficar à frente de vida social dos europeus, que se tornou exemplo do Patriarcado em fase agônica - *A Decadência do Ocidente*. O passado fica à frente. O presente é passado. Marx e Cunhanbebe.

Assim, mesmo dentro da atmosfera restritiva do Partido Comunista, Oswald de Andrade encontrou uma forma muito pessoal de realização teórica de sua Utopia - assim chamada *Revolução Caraíba*. Onde o programa comunista dizia contra o imperialismo, Oswald traduzia para uma expressão de afirmação da cultura nacional. Quando a palavra de ordem era a luta contra o Estado e a propriedade privada, Oswald gritava contra a instituição do Patriarcado. E a proclamação volitiva da decadência do capitalismo era traduzida, pelo seu método, como o fim da cultura patriarcal.

A fase atual do progresso humano - dizia Oswald - prenuncia a tese de Aristóteles: quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceriam os escravos: isto corresponde à maior conquista - a conquista do ócio - que apenas o Matriarcado permitiu para todos. No Patriarcado, o ócio fica restrito às elites.

É preciso juntar então, para a realização da revolução de nosso tempo - a *Revolução Caraíba* - a junção da cultura antropofágica do Matriarcado com as conquistas técnicas da civilização moderna. Só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica resolveria os problemas atuais do homem e da filosofia.

Portanto, não se trata mais da defesa do homem natural, que é uma tese, nem da defesa de sua antítese, o homem civilizado: trata-se de saudar a síntese de nossos tempos, o homem tecnizado. O Matriarcado de Pindorama.

"Como Fausto" - diz Oswald(3) - "o homem moderno vendeu a alma ao Diabo, mas não é no passado helênico nem na saudade monacal que iria encontrá-la. Ela virá da elaboração de um mundo novo, onde a alma antiga da noite enfeitizará o homem tecnizado, responsável e livre. No ethos da confusa existência moderna, vem se debater a luta incansável de *Logos* contra *Pathos*. A técnica da guerra exprime as sensacionais e decisivas mudanças da história no tempo. (...) Estamos no fim de um período patriarcal, ligado à propriedade privada e ao estado de classe. Anuncia-se de há muito um dia matriarcal que traz em si todos os frêmitos da vida ao mesmo tempo passional e tecnizada. Uma idade de ouro se anuncia."

Referências Bibliográficas

1. *Fazedores da América*, conferência realizada em 30 de Outubro de 1944, originais do Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.
2. *A Marcha das Utopias*, in *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias, Obras Completas de Oswald de Andrade*, vol. VI, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1978.
3. *Civilização e Dinheiro*, conferência realizada no Centro de Debates Casper Líbero, S.Paulo, em 25-I-1949. Original depositado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.